

Para uma caracterização enunciativa do marcador *qualquer*¹

António Moreno

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/Universidade de Aveiro

Abstract

The term '*qualquer*', classified in traditional grammar as indefinite pronoun, expresses a variety of semantic values. This paper, based on the Culioli's Theory of Enunciative Operations, argues that, regardless of this term's value, it marks a scanning operation. This operation can be quantitative and qualitative and may focus on a class of occurrences ('*qualquer N*' with a totalization value) or be strictly qualitative, focusing either on hypothetical occurrence ('*qualquer N*' with the value of 'at least one'), or on a singular occurrence ('*um N qualquer*'), or on a fictive occurrence ('*um qualquer N*').

Keywords: indefinite pronoun, enunciative operations

Palavras-chave: pronome indefinido, operações enunciativas

0. Introdução

O objectivo desta comunicação é propor uma explicação para o funcionamento enunciativo do indefinido *qualquer*, tentando explicitar como se articulam as operações variantes e invariantes que permitem caracterizar este marcador. Serão consideradas as três estruturas nas quais ocorre *qualquer*: *qualquer N*, *um N qualquer* e *um qualquer N*, sendo N a representação de um nominal discreto (contável).

Dada a complexidade deste marcador, a caracterização apresentada será necessariamente esquemática e incompleta. Alguns aspectos relevantes para um estudo mais desenvolvido não serão abordados, nomeadamente, a oposição entre as formas singular e plural (*qualquer/quaisquer*) e a relação com nominais densos e compactos (não contáveis).

No âmbito da Teoria Formal Enunciativa, enquadramento teórico no qual esta comunicação se insere, a identidade metalinguística de um termo é construída a partir das operações invariantes de que esse termo é marcador. Este princípio teórico obriga a que a variação não possa ser entendida como a consequência de uma relação de homonímia, devendo antes ser entendida como a consequência de diferentes actualizações de um único termo.

¹ Agradeço a leitura atenta dos revisores anónimos. Alguns dos comentários conduziram a alterações introduzidas no texto principal ou em nota. Obviamente, erros que subsistam são da minha exclusiva responsabilidade.

Na abordagem teórica adoptada, o enunciado, unidade fundamental de análise, é entendido como o resultado de uma operação de localização abstracta de um conteúdo proposicional (designado por relação predicativa) por uma situação de enunciação composta pelos parâmetros abstractos Sujeito e Tempo-Espaço. Os termos lexicais que instanciam os lugares de argumento da relação predicativa correspondem a ocorrências localizadas em relação a um domínio nocional (classe aberta de ocorrências de uma noção) estruturado em zonas: interior, zona de validação e exterior, zona de não validação. O conceito de determinação é entendido em sentido amplo como delimitação de ocorrências de uma noção. Tal delimitação é efectuada a partir de operações de quantificação (delimitação extensional) ou qualificação (delimitação intensional)².

1. *Qualquer N* como totalização

Enunciados como o exemplificado em (1) ilustram uma das estruturas enunciativas que legitima a ocorrência do marcador *qualquer*:

(1) Qualquer corpo possui energia. (CR)³

(2) <() possuir energia>

Na relação predicativa subjacente ao enunciado (1), representada em (2), o primeiro argumento, sintacticamente sujeito, é construído como um lugar vazio. A instanciamento desse lugar vazio não corresponde propriamente à especificação de uma ocorrência do domínio nocional da noção /corpo/, mas antes à construção do interior desse domínio nocional, ou seja, à construção de uma classe de ocorrências.

Sobre esta classe, o termo *qualquer* marca uma operação de percurso. Esta operação é caracterizada como um trajecto/verificação sobre cada um dos elementos, propriedades ou valores, sem que seja possível isolar ou distinguir um desses elementos, propriedades ou valores (Culioli, 1975). Incidindo sobre as ocorrências de /corpo/, o marcador *qualquer* indica que nenhuma ocorrência pode ser isolada, já que todas permitem instanciar o lugar vazio e validar a relação predicativa representada em (2). O percurso assim estabelecido é quantitativo porque incide sobre ocorrências individuáveis de uma classe. Porém, esta dimensão quantitativa está relacionada com uma dimensão qualitativa: apesar de individuáveis, as ocorrências são, quanto às suas propriedades diferenciadoras, indiscerníveis⁴. A heterogeneidade quantitativa está, deste modo, associada a uma homogeneidade qualitativa.

² Um termo constitutivo de um enunciado, como por exemplo o indefinido *qualquer*, não é considerado como um operador, mas antes como um marcador de operações. As operações (percurso, extracção, identificação, diferenciação, entre outras), assim como as noções, situam-se num nível cognitivo e as suas marcas linguísticas situam-se num outro nível de representação. (Ver, entre outros, Campos 1998:17-18.)

³ Os exemplos assinalados por "(CR)" foram extraídos do *Corpus* de Referência elaborado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (ver <http://www.clul.ul.pt>).

⁴ A propósito da comparação entre o marcador *any* do inglês e os seus correspondentes em francês, a relação entre percurso quantitativo e identificação qualitativa é designada, em Strickland (1982), como *lissage qualitative*, em Léonard (1983), como percurso Qnt/Qlt.

Considerando a caracterização acima apresentada, a operação de percurso não é compatível com a asserção estrita. Com efeito, marcando a construção de um valor único, a asserção estrita impede uma verificação ponto a ponto.

Confrontem-se os exemplos (3a) e (3b):

- (3) a. Qualquer viagem é um risco.
- b. * Qualquer viagem foi um risco.

Em (3b) a leitura episódica e não genérica induzida pelo pretérito perfeito é incompatível com *qualquer*. Em contrapartida, a boa formação do exemplo (3a) é garantida pelo valor genérico do enunciado⁵. Entende-se por genérico um enunciado cuja relação predicativa é válida qualquer que seja a situação de enunciação. Esta localização em relação a um número aberto de situações de enunciação permite individuar as ocorrências necessárias à operação de percurso.

Esta operação de individuação das ocorrências de um domínio nocional, e a sua relação com a operação de percurso, pode ser também garantida por outras estruturas enunciativas⁶:

- (4) Este livro é mais interessante do que qualquer outro livro.
- (5) a. Qualquer objecto que seja encontrado na cena do crime é entregue à polícia.
- b. Qualquer objecto, se for encontrado na cena do crime, é entregue à polícia.
- c. Qualquer objecto encontrado na cena do crime é entregue à polícia.
- (6) ? Qualquer objecto é entregue à polícia.

Independentemente das suas especificidades sintácticas, tanto a estrutura comparativa de (4) como as estruturas com valor de eventualidade de (5) têm uma característica em comum: fragmentam o domínio nocional criando subclasses que permitem individuar ocorrências.

No exemplo (4), as ocorrências de /livro/, lexicalizadas pelos sintagmas *este livro* e *outro livro*, são individuas a partir da localização (em diferentes graus) em relação ao predicado *ser interessante*. Do mesmo modo, a oração relativa em (5a), a oração condicional em (5b) e o complemento restritivo de particípio em (5c) introduzem uma propriedade diferenciadora (“ser encontrado na cena do crime”) que fragmenta o domínio nocional de /objecto/, criando duas subclasses: as ocorrências distinguem-se entre si por partilharem ou não partilharem a propriedade diferenciadora em causa.

⁵ A interpretação do predicado “ser um risco” como uma propriedade caracterizadora em relação ao sujeito “viagem” fundamenta a validação da relação predicativa por toda e qualquer situação de enunciação. A relação entre sujeito e predicado é, assim, de tipo qualitativo: o predicado introduz uma propriedade que, para o enunciador, integra a definição nocional de /viagem/. (Para uma análise da relação entre presente indicativo e genérico, no âmbito da TFE, ver, entre outros, Bouscaren & Chuquet (1987:12-16).)

⁶ Mória (1992:14-22), adoptando uma abordagem no âmbito da semântica formal, defende que *qualquer* N com valor de quantificação universal pode ser legitimado por três tipos de operadores: operadores de genericidade, de comparação e de eventualidade, incluindo nestes últimos os operadores modais de possibilidade, permissão e capacidade. Para além disso, o autor debate ainda a função de tempos e modos verbais como legitimadores de *qualquer* como quantificador universal. Nesta comunicação, o termo “eventualidade” é empregue na acepção de Mória (1992).

Quanto ao exemplo (6), a sua não aceitabilidade tem uma dupla origem: por um lado, não permite uma interpretação genérica e, por outro, o domínio nocional de /objecto/, não sendo individuado por uma operação de fragmentação, não é compatível com a operação de percurso marcada por *qualquer*.

Um fenómeno semelhante ao que é descrito na análise dos exemplos (4) a (6) pode também verificar-se em certas estruturas enunciativas que exprimem um valor genérico. Observa Mória (1992:15) que alguns enunciados genéricos que incluem o marcador *qualquer* podem ser entendidos como pouco aceitáveis:

(7) ? Qualquer baleia é um mamífero.

Apesar do seu valor genérico, o exemplo (7) pode ser entendido, com efeito, como relativamente mal formado. Neste exemplo, na ausência de um contexto explícito, o domínio nocional de /baleia/ é construído como homogéneo, ou seja, as ocorrências deste domínio não são diferenciadas e, conseqüentemente, não há individuação de ocorrências ou de subclasses de ocorrências. Com efeito, enunciados como os de (7) correspondem supostamente a um conhecimento partilhado entre enunciador e co-enunciador. Assim sendo, este tipo de enunciados pode ser interpretado como pré-construído: a relação predicativa subjacente (<baleia ser mamífero>) é validada num momento anterior ao da enunciação de (7).

No entanto, em contexto explícito que introduza uma diferenciação, o exemplo (7) seria considerado como aceitável. Considere-se o exemplo (8), uma relação de interlocução entre um sujeito A e um sujeito B:

(8) Suj. A – Segundo este autor, a baleia x é um mamífero, mas a baleia y não é.
Suj. B – Não! Qualquer baleia é um mamífero.

Neste exemplo, no enunciado do sujeito A, o domínio de /baleia/ é fragmentado a partir de uma relação entre o interior e o exterior nocional de /mamífero/: estabelece-se uma oposição entre as ocorrências de /baleia/ que permitem validar ou não validar a relação predicativa <() ser mamífero>. Esta individuação de ocorrências legitima, no enunciado do sujeito B, o percurso marcado por *qualquer* sobre o domínio de /baleia/.

Quando o sintagma *qualquer N* indica um valor de totalização, o marcador *qualquer* é, entre outros, substituível por “todos os”. Compare-se o exemplo (1), aqui repetido, com o exemplo (9).

(1) Qualquer corpo possui energia. (CR)
(9) Todos os corpos possuem energia.

Porém, o marcador *todos os*, ao contrário do que se verifica com *qualquer*, não obriga à construção de uma diferenciação prévia do domínio nocional. Compare-se a relativa não aceitabilidade de (7), sem contexto explícito, com a aceitabilidade de (10).

(10) Todas as baleias são mamíferos.

2. De *qualquer N* como totalização a *qualquer N* como ocorrência hipotética

Para além do valor de totalização associado a um percurso quantitativo com identificação qualitativa (analisado na secção anterior), o marcador *qualquer* pode também indicar o valor de ocorrência hipotética sendo, neste caso, parafraseável por *pelo menos um(a)*⁷. Confrontem-se os seguintes exemplos:

- (11) a. Se qualquer professor pode participar, então iremos nós também.
b. Se qualquer professor puder participar, ficarei muito agradecido.

Ambos os enunciados (11) correspondem a uma frase complexa, constituída por uma oração subordinada introduzida pela conjunção *se* e por uma oração subordinante (a ordem poderia ser inversa). A relação predicativa subjacente à oração subordinada é representada em (12):

- (12) <() participar>

O predicado *participar* é modalizado pelo verbo *poder* no presente indicativo, em (11a), e no futuro do conjuntivo, em (11b). Estes diferentes tempos/modos verbais estão em relação com as diferentes interpretações do sintagma *qualquer professor*.

Em (11a), na frase subordinada (*Se qualquer professor pode participar*), o termo *qualquer* marca um percurso quantitativo estabilizado por uma identificação qualitativa entre as ocorrências da noção /professor/ quanto à instanciação do lugar vazio da relação predicativa <() participar>. Assim sendo, *qualquer professor* é equivalente a *todos os professores*. Por sua vez, a conjunção *se* não tem propriamente um valor hipotético. Em rigor, a conjunção associada ao valor factual marcado pelo presente indicativo do modal *poder* indica que uma hipótese anterior, já não é, no momento temporal da enunciação de (11a), uma hipótese. Note-se a equivalência entre a subordinada de (11a), introduzida por *se*, e as subordinadas de (13), que apontam para uma validação prévia da relação predicativa <professor participar>⁸:

- (13) Visto que/já que/uma vez que qualquer professor pode participar, então iremos nós também.

Em (11b), o verbo modal *poder* no futuro do conjuntivo indica um valor de eventualidade: a relação predicativa <() participar> é localizada como validável ou não validável num momento temporal posterior ao da enunciação de (11b). Para que a validação se verifique é necessário que pelo menos uma ocorrência da noção /professor/ possa instanciar o lugar vazio. Tal ocorrência é, no entanto, entendida como hipotética,

⁷ A oposição entre estes dois valores (totalização e ocorrência hipotética) é proposta por Strickland (1982:37-38) na análise do termo *any* do inglês e dos seus respectivos equivalentes em francês. Esta proposta é aqui adoptada para a análise de *qualquer*.

⁸ A relação entre um nexos condicional e causal foi já analisada por, entre outros, Lopes (1986:183ss).

ou seja, pode verificar-se que nenhuma ocorrência seja seleccionada, e consequentemente, não seja instanciado o lugar vazio. Neste caso, seria construído o exterior nocional de /participar/. O percurso marcado por *qualquer* em (11b) é estritamente qualitativo, incidindo sobre as propriedades dessa ocorrência hipotética. A impossibilidade de isolar propriedades diferenciadoras estabiliza o percurso através da não diferenciação entre a ocorrência hipotética e todas as outras ocorrências da noção. O sintagma *qualquer professor* em (11b), relacionando ocorrência hipotética e percurso qualitativo, poderia ser parafraseado por *pele menos um professor, seja ele qual for*⁹.

Confrontando (11a) e (11b), verifica-se que em ambos os casos o marcador *qualquer* está associado a uma partição (subjacente e anterior à operação de percurso) do domínio nocional de /professor/.

Em (11a) o domínio é não vazio, contendo necessariamente ocorrências: a distinção é estabelecida entre *alguns professores participam* e *outros professores não participam*. O percurso quantitativo e qualitativo anula esta partição prévia e o sintagma *qualquer professor* adquire a significação de *todos os professores*.

Em contrapartida, em (11b), o domínio já pode ser vazio, não contendo, por isso, nenhuma ocorrência. A partição estabelece-se então entre *nenhum professor participa* e *algum/alguns professor(es) participa(m)*.

Para além das orações introduzidas pela conjunção *se* com o predicado no conjuntivo, como no exemplo (11b), outras estruturas enunciativas, quando associadas a um sentido hipotético, podem legitimar a ocorrência do marcador *qualquer* com valor de ocorrência hipotética¹⁰:

- (14) a. Ele vê qualquer bicho com muitas patas e fica logo com medo.
b. Quando ele vê qualquer bicho com muitas patas fica logo com medo

Os enunciados negativos, como o exemplificado em (15), constituem um caso de ambiguidade, podendo o marcador *qualquer* exprimir um valor de totalização ou de ocorrência hipotética.

- (15) A Maria não dança com qualquer rapaz.

Neste enunciado, *qualquer rapaz* pode ser interpretado como *nenhum rapaz*. O termo *qualquer* marca um operação de percurso sobre as ocorrências individuadas do domínio nocional de /rapaz/. Estas ocorrências são qualitativamente indiscerníveis entre si, já que nenhuma, ao instanciar o lugar vazio de <Maria dançar com ()>, permite validar a respectiva relação predicativa. Deste modo, é construído o exterior nocional de

⁹ Tal como assinalou um dos revisores anónimos, nos enunciados (11a) e (11b), o modal *dever* está associado às interpretações de, respectivamente, permissão e possibilidade.

¹⁰ Os enunciados (14) são entendidos como hipotéticos na medida em que a validação de uma relação predicativa (no caso, <() ficar com medo>) depende da validação prévia de uma outra relação predicativa (no caso, <() ver bicho com muitas patas>).

/dançar/. A negação marcada por *não* tem escopo sobre o predicado *dançar* e sobre o marcador *qualquer*.

No mesmo enunciado, *qualquer rapaz* pode ainda ser interpretado como *um hipotético rapaz que seja igual a todos os outros rapazes*. Neste caso, a negação não tem escopo sobre o predicado *dançar*, mas apenas sobre o marcador *qualquer*. Deste modo, é negada a possibilidade de uma ocorrência hipotética (qualitativamente indiscernível) de /rapaz/ poder instanciar o lugar vazio de <Maria dançar com ()> e, conseqüentemente, validar a relação predicativa em causa. A ocorrência que poderia validar tal relação predicativa teria de ser qualitativamente diferenciada em relação às restantes.

Estas duas leituras de *qualquer* podem ser contextualmente desambiguadas:

- (16) a. A Maria não dança com qualquer rapaz porque está muito cansada.
 b. A Maria não dança com qualquer rapaz; só com rapazes de boas famílias.

Em (16a), o contexto especifica que a negação incide sobre o percurso pelas ocorrências individuadas de uma classe (*qualquer* com valor de totalização). Assim sendo, o predicado *dançar* não se verifica. Em (16b), o contexto esclarece que a negação incide sobre o percurso pelas propriedades diferenciadoras de uma ocorrência hipotética. Em conseqüência, é negada a indiferenciação qualitativa dessa ocorrência hipotética.

3. De *qualquer N* como ocorrência hipotética a *um N qualquer* como ocorrência singular

O valor do marcador *qualquer* no sintagma *um N qualquer* é comparável com o valor de ocorrência hipotética que se pode verificar no sintagma *qualquer N*. Tanto num caso como no outro, o indefinido *qualquer* marca um percurso estritamente qualitativo sobre as propriedades de uma ocorrência, não sendo possível seleccionar nenhuma dessas propriedades como diferenciadora em relação às restantes ocorrências. No entanto, ao contrário do que se verifica em *qualquer N* com valor de ocorrência hipotética, a sequência *um N qualquer* não pode estar associada a uma classe vazia e, assim sendo, a ocorrência construída não tem um carácter hipotético.

No sintagma *um N qualquer*, o determinante *um* em posição pré-nominal marca uma operação de extracção, havendo assim necessariamente construção de uma (e só uma) ocorrência. Confrontem-se os seguintes enunciados:

- (17) a. Traz-me um livro.
 b. Traz-me um livro qualquer.

Em (17a) o sintagma *um livro* indica estritamente a construção de uma ocorrência da noção /livro/. Em (17b), porém, essa ocorrência construída é qualitativamente marcada como idêntica a qualquer outra ocorrência dessa noção. Tal identificação resulta da impossibilidade de seleccionar uma propriedade que permita distinguir

qualitativamente a ocorrência extraída das restantes ocorrências do mesmo domínio nocional. Esta operação de identificação qualitativa pode ser parafraseada pela expressão destacada em itálico em (18):

- (18) (...) uma balança é fiel se, em pesagens sucessivas do mesmo corpo, indicar sempre o mesmo valor. É evidente que, ao utilizar-se *uma balança, qualquer que ela seja*, devemos verificar se ela está devidamente aferida, isto é, se regista os valores de massa considerados correctos para corpos (...) (CR)

A expressão *qualquer que ela seja* em relação com a construção de uma ocorrência marcada por *uma balança* remete para a identificação qualitativa com as restantes ocorrências da noção /balança/.

O facto de tanto na estrutura *um N qualquer* como na estrutura *qualquer N*, o marcador *qualquer* indicar um percurso qualitativo sobre as propriedades definidoras de uma ocorrência (singular ou hipotética) explica que, em determinadas construções enunciativas, tanto possa ocorrer uma estrutura como a outra. Confrontem-se os exemplos (19a) e (19b):

- (19) a. Escolhe qualquer livro.
b. Escolhe um livro qualquer.

Porém, uma diferença fundamental entre as duas estruturas (*qualquer N* e *um N qualquer*) reside na especificação singular introduzida pelo determinante *um* (em *um N qualquer*) que impede a interpretação de ocorrência hipotética (*pelo menos um*): trata-se de uma e apenas uma ocorrência. Confrontem-se os enunciados (20a) com (20b) e (21a) com (21b):

- (20) Suj. A – Escolhe qualquer livro que te agrade.
Suj. B – Quantos posso escolher?
(21) Suj. A – Escolhe um livro qualquer que te agrade.
Suj. B – * Quantos posso escolher?

Em (20), a interrogativa *Quantos posso escolher?*, enunciada por um sujeito B, poderia ser a réplica à injunção *Escolhe qualquer livro que te agrade*, enunciada por um sujeito A. Em contrapartida, em (21), a injunção *Escolhe um livro qualquer que te agrade* não poderia ter como réplica a interrogativa *Quantos posso escolher?*

A especificidade da estrutura *um N qualquer* reside na relação entre duas operações que se opõem entre si: (i) a extracção de uma ocorrência singular marcada por *um* e (ii) a indiferenciação qualitativa introduzida por *qualquer*. A oposição entre estas duas operações está na origem do valor pejorativo que pode ser associado à estrutura *um N qualquer*:

- (22) Ele é um funcionário/tipo/idiota/palhaço qualquer.
(23) Ele é um qualquer.

A extração de uma ocorrência de um domínio nocional corresponde a uma operação de individuação, pois permite isolar uma ocorrência em relação às restantes ocorrências do domínio. A individuação está, por definição, associada a uma distinção qualitativa (Campos, 1998:101): ao ser individuada a ocorrência torna-se discernível. Porém, o percurso qualitativo marcado por *qualquer* pós-nominal, marcando que a ocorrência extraída é qualitativamente indiscernível das restantes, anula a singularização introduzida pelo determinante *um*. Deste modo, quando o nominal determinado por *um* e qualificado por *qualquer* está associado a uma apreciação negativa (lexicalmente marcada ou construída pelo sujeito enunciador), o enunciado adquire um valor pejorativo, tal como pode ser ilustrado pelo exemplo (22). O apagamento do nominal, como exemplificado em (23), é uma outra forma de apreciação negativa¹¹.

4. De *qualquer N* e *um N qualquer* a *um qualquer N*

O termo *qualquer* pode ainda ocorrer em posição pré-nominal associado ao determinante *um* de acordo com a configuração *um qualquer N*. Considerem-se os seguintes enunciados¹²:

- (24) A energia potencial gravítica *dum qualquer sistema* (corpo-Terra) depende de dois factores: posição do corpo (altura contada a partir do solo) em relação à superfície da Terra e, ainda, da massa do corpo pertencente ao sistema em estudo. (CR)
- (25) E a razoabilidade dos reitores criou uma bóia de salvação se ocorrer uma catástrofe nos resultados de *uma qualquer disciplina*. (CR)
- (26) Depois, fechada a mostra, resta sonhar com mármore antigos quando abancarmos a *uma qualquer fôrmica* para a bica da praxe. (CR)

Nestes exemplos, o sintagma *um qualquer N* poderia ser substituído por *qualquer N* com valor de totalização (confrontar (24) com (27)), por *qualquer N* com valor de ocorrência hipotética (confrontar (25) com (28)) e *um N qualquer* com valor de ocorrência singular (confrontar (26) com (29)):

- (27) A energia potencial gravítica de *qualquer sistema* (corpo-Terra) depende de dois factores: posição do corpo (altura contada a partir do solo) em relação à superfície da Terra e, ainda, da massa do corpo pertencente ao sistema em estudo.
- (28) E a razoabilidade dos reitores criou uma bóia de salvação se ocorrer uma catástrofe nos resultados de *qualquer disciplina*.
- (29) Depois, fechada a mostra, resta sonhar com mármore antigos quando abancarmos a *uma fôrmica qualquer* para a bica da praxe.

¹¹ Também em francês, apesar de se verificarem algumas diferenças consideráveis em relação ao português, a oposição entre singularização e indiferenciação explica o valor pejorativo da expressão *n'importe qui/quoi/quel N*. (Ver, Paillard, 1997:112.)

¹² As expressões que incluem *qualquer* foram destacadas em itálico por mim.

Apesar destas equivalências, *um qualquer N* tem um valor particular, que se distingue dos restantes valores de totalização, ocorrência hipotética e ocorrência singular.

Nos enunciados (24), (25) e (26), a expressão *um qualquer N* corresponde a uma extracção fictícia: não se verifica a construção efectiva de uma ocorrência, mas antes a construção eventual de uma ocorrência da noção designada pelo nominal. A ocorrência é assim marcada como validável, mas não como efectivamente validada¹³.

Na estrutura *um N qualquer*, o termo *qualquer* marca, como já foi referido na secção anterior, um percurso sobre as propriedades associadas à ocorrência extraída. Neste sentido, o marcador *qualquer* funciona como uma complementação qualitativa (tal como um modificador qualificativo), indicando que a ocorrência em causa não se distingue qualitativamente das restantes ocorrências.

Por sua vez, na estrutura *um qualquer N*, o termo *qualquer* marca a mesma operação, mas incidindo, não sobre o nominal, ou melhor, não sobre a ocorrência extraída de um domínio, mas sim sobre a operação de extracção em si mesma. Neste caso, *qualquer* funciona como uma qualificação da operação de extracção, ou seja, marca uma não diferenciação entre uma operação de extracção e todas as outras operações de extracção. Esta identificação qualitativa entre as operações de extracção que podem incidir sobre uma noção conduz a um valor de ocorrência fictícia que poderia ser parafraseado por *se se extrair uma ocorrência, qualquer que ela seja, da noção /x/ verifica-se que...*

Como a operação de extracção é indiferenciável em relação às outras operações de extracção, o sintagma *um qualquer N* pode ser equivalente a *qualquer N* com valor de totalização (cf. (24) e (27)) no caso de a estrutura enunciativa legitimar uma operação de percurso quantitativo por uma classe de ocorrências.

Do mesmo modo, a extracção fictícia de uma ocorrência, marcada por *um qualquer N*, pode também ser equivalente à construção de uma ocorrência hipotética (cf. (25) e (28)) ou à extracção de uma ocorrência singular (cf. (26) e (29)), pois todos estes diferentes processos de delimitação de ocorrências relacionam a ocorrência delimitada com a operação de percurso qualitativo.

Porém, a determinação de uma ocorrência como extraível implica que a relação predicativa não é, no momento da enunciação, considerada pelo enunciador como localizada, mas sim como localizável: esta particularidade permite distinguir o valor de ocorrência fictícia de *um qualquer N* de todos os outros valores de *qualquer*¹⁴.

¹³ Em diversos textos de Culioli, nomeadamente em Culioli (1988:109), o termo *fictional* é empregue para designar uma eventual localização ou validação projectada num tempo posterior ao da enunciação.

¹⁴ O valor de ocorrência hipotética, analisado na secção 2, aproxima-se do valor de ocorrência fictícia: ambas são localizáveis num tempo posterior ao da enunciação, ou seja, ambas partilham um valor de eventualidade. No entanto, a ocorrência hipotética (oposição entre nenhuma ocorrência ou pelo menos uma) não está, ao contrário do que se verifica com a ocorrência fictícia, associada a um operação de extracção. Assim sendo, em *qualquer N* a operação de extracção pode não se verificar e, nesse caso, o domínio construído é vazio; conseqüentemente, a relação predicativa em causa é não validada. Em contrapartida, com *um N qualquer* o domínio não é construído (nem construível) como vazio, mas apenas como não actualizado no momento da enunciação: a relação predicativa é necessariamente validável.

Conclusões

O indefinido *qualquer* delimita ocorrências de um domínio nocional, associando operações de percurso e operações de instanciação de um lugar vazio de uma relação predicativa.

Esta relação entre domínio nocional e instanciação concretiza-se de dois modos: sobre as ocorrências pode incidir um percurso quantitativo e qualitativo (*qualquer* com valor de totalização) ou apenas qualitativo (todos os outros valores de *qualquer*).

No primeiro caso todas as ocorrências individuáveis de um domínio podem instanciar um lugar vazio. No segundo caso, a ocorrência individuada (hipotética, singular ou fictícia) que instancia o lugar vazio é qualitativamente idêntica às restantes ocorrências do domínio.

Estes dois casos correspondem a dois modos de construir a homogeneidade intensional: as ocorrências são qualitativamente indiscerníveis, porque todas são idênticas entre si ou porque uma, qualquer que esta seja, não se distingue de todas as outras.

Referências

- Bouscaren, Janine & Jean Chuquet (1987) *Grammaire et Textes Anglais: Guide pour l'Analyse Linguistique*. Paris: Ophrys.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998) *'Dever' e 'Poder': um subsistema modal do Português*. Lisboa: FCG/JNICT.
- Culioli, Antoine (1975) Note sur 'détermination' et 'quantification': définition des opérations d'extraction et de fléchage. In Antoine Culioli (1999) *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. T. 3. Paris: Ophrys, pp. 37-48.
- Culioli, Antoine (1988) La négation: marqueurs et opérations. In Antoine Culioli (1990) *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. T. 1. Paris: Ophrys, pp. 91-113.
- Léonard, Anne-Marie (1983) Étude Différentielle de Quelques Indéfinis Anglais. In Sophie Fischer & Jean-Jacques Franckel (eds). *Linguistique, Énonciation. Aspects et Détermination*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, pp. 45-170.
- Lopes, Óscar (1986) Sobre as Contrastivas em Português. In Óscar Lopes (2005) *Entre a palavra e o discurso: Estudos de Linguística 1977-1993*. Porto: Campo das Letras, pp. 177-191.
- Móia, Telmo (1992) *Aspectos da Semântica do Operador 'Qualquer'*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Col. Cadernos de Semântica, nº 5).
- Paillard, Denis (1997) N'importe qui, n'importe quoi, n'importe quel N. *Langue Française* 116, pp. 100-114.
- Strickland, Martha (1982) A propos de 'any' et la valeur de 'n'import quel' en anglais. *BULAG* 9, pp. 17-48.